

O AMOR NA INCONFIDÊNCIA: UM ESTUDO MULTIDISCIPLINAR¹

Maria Salete Daros de Souza²

RESUMO

Objeto de produção literária e vivência significativa para os ocidentais, o amor pode ser examinado na Literatura fazendo-se estudo paralelo com circunstâncias históricas, como por exemplo, a da *Inconfidência Mineira*. Pode, igualmente, ser deslocado daquele espaço e tempo, para que se possa entender, numa perspectiva multidisciplinar de prática pedagógica, os comportamentos amorosos dos sujeitos contemporâneos. Uma reflexão dessa ordem pode ainda gerar maior competência para entendimento de textos poéticos e didáticos, e despertar interesse por leituras e produções textuais diversas.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. História. Tema amoroso.

1. INTRODUÇÃO

O amor é tema recorrente no episódio histórico brasileiro do século XVIII chamado de *Inconfidência Mineira*, quer optemos por estudá-lo por vias históricas, biográficas ou literárias. Evidentemente que é a Literatura quem mais se ocupa do tema amoroso, quer seja através da produção *Marília de Dirceu*³ que data do século XVIII, quer seja através da biografia de seu autor Tomás Antonio Gonzaga, quer seja através de intertextos ou de estudos realizados a partir da obra citada.

Revisitado por Cecília Meireles, em produção do século XX, em forma de romanceiro, a que a autora deu o nome de *Romanceiro da Inconfidência*,⁴ o episódio da *Inconfidência* reescrito em novo gênero literário, contempla uma história amorosa inspirada

¹ O presente artigo subsidia sua reflexão em estudo preliminar, de caráter não científico, a partir de prática pedagógica realizada com alunos do 1º período de curso de História, turma 2002/1, na disciplina Técnicas de Redação. Por essa razão não se propõe a apresentar resultados de pesquisa científica.

² Mestre em Literatura, professora de Técnicas de Redação e Literatura Infantil dos cursos de Pedagogia e História da FEBE. E-mail: dsouza@unetvale.com.br

³ GONZAGA, Tomás Antonio. *Marília de Dirceu*. Porto Alegre: L&PM, 2000.

⁴ MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

na vida do inconfidente Tomás Antonio Gonzaga e a jovem Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, representados no texto de Gonzaga pelas personagens Marília e Dirceu.

O momento histórico e a história de amor citados motivaram ainda outras duas produções em forma de intertextos, quais sejam: o filme *Os inconfidentes* e o livro *Dirceu e Marília*.⁵

O filme *Os Inconfidentes*, produção de 1972, dirigido por Joaquim Pedro de Andrade, faz, além da representação histórica, reprodução de passagens das obras *Marília de Dirceu*, *Romanceiro da Inconfidência* e dos *Autos da Devassa*.⁶

Dirceu e Marília faz parte da coleção *Histórias para contar História* de responsabilidade de Nelson Cruz, autor, ilustrador e artista plástico indicado para o prêmio internacional Hans Christian Andersen de ilustração, em 2002, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Tratar do tema amoroso na *Inconfidência Mineira* através dos textos citados, significa levantar a questão amorosa na perspectiva ocidental, ou seja, falar do amor romântico calcado no imaginário da idealização e da perenidade, a despeito da advertência do tão brasileiro poeta Vinícius: “que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure”.

2. O AMOR ROMÂNTICO

Conforme Jurandir Freire Costa, o “romantismo amoroso foi e continua sendo uma das marcas registradas da cultura ocidental.”⁷ Ou seja, construímos historicamente o ideário do amor romântico perfilado pela idealização do sentimento.

Sofrimentos, renúncias, aspirações frustradas, mortes, desenlaces dramáticos etc. vão compor o painel dessa imagem do amor [...]. O amor é mistério, magia e idolatria sexual do parceiro. Devemos nos entregar a ele, mesmo sabendo que estamos nos entregando às incertezas do acaso. Tudo pode dar certo e tudo pode dar errado. Não obstante a incerteza, é assim que se ama.⁸

⁵ CRUZ, Nelson. *Dirceu e Marília*. Belo Horizonte: Formato, 1999.

⁶ AUTOS de Devassa da Inconfidência Mineira. 2 ed. Brasília, Câmara dos Deputados; Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1987. v. 2.

⁷ COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p.18.

⁸ *Id. ib.*, p. 69.

Pensar o tema amoroso através das líricas de Gonzaga e do romanceiro ceciliano é juntar circunstâncias históricas brasileiras com produção literária para proceder análise e entendimento do sentimento amoroso. A idealização da amada e o sofrimento chorados pelos poetas estão expressos nos textos mencionados.

No paradigma do amor romântico é cabível e absolutamente coerente esse comportamento, uma vez que, “No esplendor da contradição em que os poetas sempre os viram, os apaixonados estão enamorados ou de si mesmos ou de um outro ideal. E nos dois casos hipnotizados.”⁹

Embora caiba dizer que a dor de amor não é privilégio de poetas e de literatos, há que se reconhecer que a Literatura e as artes em geral tomam com frequência esse tema para si, por ser ele uma das expressões e representações da alma humana. Assim também ocorre com o cinema, a música, as artes em geral, produções que se permitem sair do utilitário e do funcional para argüir a respeito dos sentimentos, para examinar, para mostrar, quem sabe para entender a outra face da condição humana: aquela com a qual a ciência não se ocupa, aquela que permite sentimentalismos, desvairios e dores as mais atrozes, uma vez que, ainda de acordo com Jurandir Costa, “as exigências do ideal romântico são tão duras quanto a maioria dos ideais de autoperfeição que o Ocidente inventou.”¹⁰

O poeta conhece o sentimento amoroso e o propaga, a Literatura dele se alimenta e, quem sabe, o realimenta para dele nutrir-se e nutrir os sujeitos que não o dispensam.

No capítulo sobre o Elogio do amor, Júlia Kristeva diz que o amor é “exaltação para além do erotismo, é felicidade exorbitante, tanto quanto puro sofrimento: ambos põem em paixão as palavras. Impossível, inadequada, imediatamente alusiva quando a queríamos mais direta, a linguagem amorosa é vôo de metáforas: é literatura.”¹¹

Evidentemente que o tema amoroso associado a episódios históricos não é exclusividade de Gonzaga, tampouco de heróis como Dirceu, haja vista tantos clássicos da Literatura e das artes que dele se ocuparam.

Assim é que passaremos a cotejar fragmentos dos textos literários *Marília de Dirceu* de Tomás Antonio Gonzaga e *Romanceiro da Inconfidência* de Cecília Meireles com dados históricos e biográficos, a fim de estabelecer um estudo comparado que entende

⁹ MOTTA; Leda Tenório. In: KRISTEVA, Julia. *Histórias de amor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 13.

¹⁰ COSTA, *op. cit.*, p. 74.

¹¹ KRISTEVA, *op. cit.*, p. 21.

as produções textuais como intertextos que a todo momento, e sob forma dos mais diferentes gêneros, se gestam.

2.1. Marília de Dirceu

Uma incursão pelo texto poético de Tomás Antonio Gonzaga dá conta da representação literária que o poeta faz de uma história romântica, inspirada em seu romance com Maria Dorotéia, conforme já mencionamos, vivido no momento histórico da *Inconfidência Mineira*, com resultados desastrosos para a vida amorosa.

Em forma de liras¹² à maneira arcádica, o poeta cria a representação da figura feminina idealizada, de nome Marília, e lhe oferece a condição idílica de pastora, cortejada por Dirceu, também pastor, que a enaltece em versos como:

*Os teus olhos espalham luz divina,
A quem a luz do sol em vão se atreve;
Papoila ou rosa delicada e fina
Te cobre as faces, que são cor da neve.*¹³

.....

Dividida em três partes, a obra discorre na primeira delas, composta de XXXIII liras, sobre o namoro e a felicidade do amante:

*Minha Marília,
Se tens beleza,
Da natureza
É um favor.
Mas se aos vindouros
Teu nome passa,
É só por graça
Do Deus de amor,
Que, terno, inflama
A mente, o peito
Do teu Pastor.*¹⁴

¹² A lira é uma composição poética, uma espécie de canção, provavelmente de origem espanhola, de estrutura e rimas mais ou menos determinadas. CUDDON, J. A. *Dictionary of literary terms and literary theory*. 3 ed. Great Britain/USA: Penguin Books, 1992. p. 496.

¹³ GONZAGA, *op. cit.*, p. 8.

¹⁴ *Id. Ib.*, p. 75.

Também os projetos e os sonhos, sempre fundamentados numa visão burguesa e patriarcalista de mundo, na qual o discurso poético cultiva o ideal da vida campestre, da natureza e da mulher amada, merecem lugar na primeira parte do texto, produzido anteriormente à prisão do poeta:

*Ornemos nossas testas com as flores
E façamos de feno um brando leito;
Prendamo-nos, Marília, em laço estreito;
Gozemos do prazer de são Amores.
Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre;
E para nós o tempo, que se passa,
Também, Marília, morre.¹⁵*

Já na segunda parte, formada por XXXVIII liras, o discurso poético sofre alteração. A felicidade cede lugar ao sofrimento amoroso causado pela separação da amada, por ocasião do encarceramento do poeta:

*Já não cinjo de loiro a minha testa,
Nem sonoras Canções o Deus me inspira:
Ah! Que nem me resta
Uma já quebrada,
Mal sonora Lira!¹⁶*

A depressão e a desesperança tornam-se o tom do texto:

*Sucede, Marília bela,
À medonha noite o dia;
A estação chuvosa e fria
À quente, seca estação.
Muda-se a sorte dos tempos;
Só a minha sorte não?¹⁷*

Os episódios políticos aparecem em arte poética transfigurados:

¹⁵ *Id. ib.*, p. 43.

¹⁶ *Id. ib.*, p. 85.

¹⁷ *Id. ib.*, p. 89.

*Vês, Marília, um cordeiro
De flores enramado,
Como alegre caminha
A ser sacrificado?
O Povo para o Templo já concorre;
A Pira sacrossanta já se acende;
O Ministro o fere: ele bala e morre.¹⁸*

A produção poética também contempla momentos de reflexão a respeito da justiça dos homens:

*Virtudes de Juiz, virtudes de homen
As mãos se deram e em seu peito moram.
Manda prender ao Réu, austera a boca,
Porém seus olhos choram.*

*Se à inocência denigre a vil calúnia,
Que culpa aquele tem que aplica a pena?
Não é o Julgador, é o processo
E a lei, quem nos condena.¹⁹*

Na condição de réu e prisioneiro, o eu-poético encontra consolação no amor que sente por Marília:

*Os sonhos, que rodeiam a tarimba,
Mil cousas vão pintar na minha idéia;
Não pintam cadafalsos, não, não pintam
Nenhuma imagem feia.²⁰*

Na terceira parte, diversificando o gênero poético em liras, sonetos e ode, a poesia faz uma revisão da vida amorosa, e o poeta faz planos: sonha viver com a amada, não mais a condição de pastor sujeitado ao ideal da poesia arcádica, mas sim a real condição de jurista:

*Tu não verás, Marília, cem cativos
Tirarem o cascalho e a rica terra,*

¹⁸ *Id. ib.*, p. 109.

¹⁹ Segundo nota de rodapé do texto referenciado, aqui se faz alusão ao governador de Minas, Visconde de Barbacena, amigo do poeta, que ordenou sua prisão. p. 128-129.

²⁰ *Id. ib.*, p. 149.

*Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada Serra.²¹*

.....

*Enquanto revolver os meus Consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os fastos da sábia, mestra História,
Os cantos da Poesia.²²*

Condenado o poeta ao degredo africano, a representação literária dá lugar para despedir-se da amada e entregar-se ao desencanto da separação e do ideal romântico :

*Chegou-se o dia mais triste
Que o dia da morte feia:
Caí do trono, Dircéia,
Do trono dos braços teus.
Ah! Não posso, não, não posso
Dizer-te, meu bem, adeus!²³*

.....

*Adeus, cabana, adeus; adeus, ó gado;
Albina ingrata, adeus, em paz te deixo;
Adeus, doce rabil; neste alto freixo
Te fica, ao meu destino consagrado.²⁴*

Para efeito de estudos literários, a vida amorosa de Dirceu e de Marília encerra dessa forma: com o sofrimento causado pela separação definitiva. Não se tem aqui intenção de desfazer o ideal amoroso com uma investigação biográfica que dê conta da vida posterior das personagens que inspiraram o texto examinado. A biografia faz parte de outra instância e de outro gênero discursivo alheio às intenções do poeta no momento da produção que ora examinamos.

Servirá, com certeza, para o estudo comparado, multidisciplinar e intertextual a que nos propomos. Não interessa, no entanto, para o entendimento do ideal romântico.

²¹ *Id. ib.*, p. 170.

²² *Id. ib.*, p. 171.

²³ *Id. ib.*, p. 183.

²⁴ *Id. ib.*, p. 197.

2.2. Romanceiro da Inconfidência

Romanceiro, como gênero literário, é um texto de caráter múltiplo: épico e lírico, originalmente anônimo e transmitido por via oral, especialmente na Idade Média.²⁵

Segundo Cecília Meireles em conferência proferida em Ouro Preto em 20 de abril de 1955, sua obra é “uma narrativa rimada”, e escrever em forma de romanceiro “teria a vantagem de ser narrativo e lírico; de entremear a possível linguagem da época a dos nossos dias; de, não podendo reconstituir inteiramente as cenas, também não as deformar inteiramente; de preservar aquela autenticidade que ajusta à verdade histórica o halo das tradições e da lenda.”²⁶

Assim é que acompanharemos no texto o percurso do eu-poético pelas vias da História e da Literatura, focalizando “coisas eternas e irredutíveis: de ouro, amor, liberdade, traições”²⁷, para usar palavras da mesma Cecília.

Dessa forma, o ouro

*Borda flores nos vestidos,
sobe a opulentos altares,
traça palácios, e pontes,
eleva os homens audazes,
e acende paixões que alastram
sinistras rivalidades.*²⁸

A história de amor entre o ouvidor Tomás Antonio Gonzaga e Maria Dorotéia comparece no texto em inúmeros momentos, dando conta do significado que esse tema representa no contexto que o eu-poético toma para objeto de sua produção:

*Muito se esquecem os homens,
quando se encantam de amor.
Mirava em sonho, a donzela,
o enamorado Ouvidor.
E em linguagem de amoroso
arremessou-lhe uma flor.*²⁹

²⁵ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 460-461.

²⁶ MEIRELES, *op. cit.*, p. 22.

²⁷ *Id. ib.*, p. 23.

²⁸ *Id. ib.*, p.47.

Não dispensa também o texto alusão à produção lírica de Gonzaga, *Marília de Dirceu*, fazendo comentário aos versos do apaixonado amante à moda arcádica:

*Doces invenções da Arcádia!
 Delicada primavera:
 pastoras, sonetos, liras,
 _ entre as ameaças austeras
 de mais impostos e taxas
 que uns protelam e outros negam.
 Casamentos impossíveis.
 Calúnias. Sátiras. Essa
 paixão da mediocridade
 que na sombra se exaspera.
 E os versos de asas douradas,
 que amor trazem e amor levam ...
 Anarda. Nise. Marília ...³⁰*

A proximidade do casamento, a preparação do enxoval e a desventura amorosa fazem parte do percurso lírico-narrativo do *Romanceiro da Inconfidência*:

*Aqui esteve o noivo,
 de agulha e dedal,
 bordando o vestido
 do seu enxoval.³¹*

.....

*Estrela da aurora,
 fonte matibnal,
 já vistas e ouvistes
 desventura igual?
 A agulha partiu-se.
 Quebrou-se o dedal.
 Romperam-se as flores
 _ a que vendaval?³²*

²⁹ *Id. ib.*, p. 67.

³⁰ *Id. ib.*, p. 100.

³¹ *Id. ib.*, p. 185.

³² *Id. ib.*, p.187.

Transfigura-se o cenário em Vila Rica quando as prisões se efetivam, e é desse modo que o mesmo aparece representado no romanceiro:

*No jardim que foi de Gonzaga,
a pedra é triste, a flor é débil,
há na luz uma cor amarga.
Os espinhos selvagens crescem,
única sorte destas árvores
destituídas de primavera,
secas, na seca terra ingrata,
que é uma cinza de inúteis ervas
solta sob os pés de quem passa.³³*

O lirismo recordado em

*_ Entre pastores vivia,
à sombra da sua amada.
Ele dizia: “Marília!”
Ela: “Dirceu” balbuciava ...³⁴*

não se sustenta mediante a realidade mais recente:

*_ Hoje já não é mais nem sombra
dos amores que sonhava ...
Anda longe, a pastorinha ...
e agora já não se casa!³⁵*

O desencanto toma conta do eu-lírico que encontra na metapoesia razão para posicionar-se:

*_ Tanto amor, tanto desejo ...
Desfez-se o fumo da fábula,
que isso de amores de poetas
são tudo aéreas palavras ...³⁶*

³³ *Id. ib.*, p. 213.

³⁴ *Id. ib.*, p.218.

³⁵ *Id. ib.*, p.218.

³⁶ *Id. ib.*, p. 218.

A sentença de degredo:

*(Ai, terras negras d'África,
noite grossa de enredos ...)*

*Rolam de longe lágrimas
para o horizonte negro:
Saudade _ pena de morte
para cumprir-se em degredo.³⁷*

Continuando o fio da história, a poeta descreve, em síntese quase final, o sofrimento amoroso, causado pela separação definitiva:

*“Aquele é o que vem de longe,
que se mandou degredar?
Por três anos as masmorras
o viram, triste, a pensar.
Os amigos que tivera,
amigos que não tem mais,
foram para outros degredos;
_ Deus sabe quem voltará!
A donzela que ele amava,
entre lavras de ouro jaz;
na grande arca do impossível
deixou dobrado o enxoval,
uma parte já bordada
outra parte, por bordar.
Muito longe é Moçambique ...
_ Que saudade a alcançará?”³⁸*

À voz da amada também é dado lugar para, conforme palavras da autora, em imaginária serenata proceder rememorações amorosas:

*Vejo-te passando
por aquela rua
mais aquele amigo
que encontraram morto³⁹.
E pergunto quando
poderei ser tua,
se vens ter comigo,
de tão negro porto⁴⁰.*

³⁷ *Id. ib.*, p. 221.

³⁸ *Id. ib.*, p.233.

³⁹ Alusão ao poeta Cláudio Manuel da Costa, encontrado morto na prisão em Vila Rica.

⁴⁰ *Id. ib.*, p. 235.

Na seqüência, o eu-poético, em desencanto amoroso, retoma a razão para fazer julgamento do amor de Gonzaga que, uma vez em Moçambique, segundo dados tidos em biografia, casa-se com Juliana de Sousa Mascarenhas, uma ricaça analfabeta:

*Pela Sé de Moçambique
murmuram a meia-voz:
“Não tinha amor ... Nunca o teve ...
Loucura que já passou.
Tudo eram sonhos de Arcádia,
ilusões da vida em flor ...
Palavras postas em verso,
doce, melodioso som ...
Festival em prados verdes
com o ouro a crescer ao sol.”*⁴¹

O texto retoma o tom do amor romântico, dando-lhe caráter de sofrimento e de fidelidade, através de Marília, a representação da figura feminina:

*Entre lágrimas se erguia
seu claro rosto acordado.
Volvia os olhos em roda,
e logo, de cada lado,
piedosas vozes discretas
davam-lhe o mesmo recado:
“Não chores tanto, Marília,
por esse amor acabado:
que esperavas que fizesse
o teu pastor desgraçado,
tão distante, tão sozinho,
em tão lamentoso estado?”
A bela, porém, gemia:
“Só se estivesse alienado!”*⁴²

O romanceiro finaliza em lirismo amoroso, reservando para seus últimos versos o lamento poético:

*Triste pena, triste pena
que pelo papel deslizas!
_ que cartas não escreveste,
_ que versos não improvisas,*

⁴¹ *Id. ib.*, p.237.

⁴² *Id. ib.*, p. 240-241.

– *que entre cifras te debates
e em cifras te imortalizas...*

.....

*Reparti-vos, reparti-vos,
ouro de tantas cobiças ...
(Tanto amor que separastes,
entre injúrias e injustiças!
E agora aqui sois contado
Para a piedade das missas!)*⁴³

Enfim, o romanceiro que a emoção ceciliana nos apresenta é uma coletânea de vozes que tece, pelo instrumento desse gênero literário, uma visão poética da História e da Literatura, bebida no texto de Gonzaga e nos documentos de História oficial.

Para usar palavras de Murilo Mendes, *O Romanceiro da Inconfidência* “resulta de uma combinação homogênea entre força poética, domínio da língua, erudição e senso do detalhe histórico valorizado em vista de uma transposição superior, própria do código da poesia”.⁴⁴

3. O ESTUDO MULTIDISCIPLINAR NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A visão multidisciplinar do conhecimento extrapola o entendimento fragmentado de disciplina e de área para somar investigação, gêneros, vozes. Enfim, junta formas e pareceres do dizer para enriquecer as reflexões e as novas produções. Desse modo, cai bem tanto para iniciados da pesquisa científica quanto para iniciantes da investigação e da produção textual.

Nesse sentido é que propusemos o estudo histórico-literário sobre o tema amoroso na *Inconfidência* no 1º período do curso de História, na disciplina Técnicas de Redação. Pretendíamos discutir o tema pelo viés da História e da Literatura para ampliar visões de mundo e possibilitar produções de textos sobre o mesmo. Objetivávamos trazer as contribuições da Literatura e da História para, através do cotejamento de textos, traçar um

⁴³ *Id. ib.*, p. 276-277.

panorama sobre o tema amoroso na *Inconfidência Mineira*. Melhor dizendo, sobre o caso amoroso mais marcada e romanceiramente cantado, tendo como tempo e espaço o cenário da Vila Rica dos tempos da chamada Inconfidência.

Do ponto de vista da História, a pesquisa mostrou que os *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira*, concluídos em 1790, ocupam-se do tema de forma discreta e quase irrelevante. Na parte investigativa sobre a casa e familiares do Des. Tomás Antonio Gonzaga, testemunhas inquiridas sobre amizades e freqüentadores da casa do Ouvidor dão conta de que o mesmo esteve nos dias que antecederam à prisão “ocupado a bordar um vestido que [lhe] dizia lhe havia de servir daí a oito ou dez dias, para o seu casamento.”⁴⁵

Algumas notas de rodapé examinam a vida particular do poeta, e referem oposição ao casamento com Gonzaga por parte de um tio de Maria Dorotéia, que seria próximo do Visconde de Barbacena.⁴⁶

Já a obra de Kenneth Maxwell, *A devassa da devassa* não se ocupa da questão amorosa, o que ratifica nossa afirmação anterior de que à Literatura interessa especialmente essa questão.

Foram as obras *Marília de Dirceu* e o *Romanceiro da Inconfidência*, ou seja, o gênero poético, que mais subsidiou a investigação. Igualmente, serviu também como subsídio, e mais especialmente como leitura de intertexto marcadamente de arte, pelo refinamento e cuidado do ilustrador, *Dirceu e Marília*, texto e ilustração de Nelson Cruz, mescla de ficção e História, que narra em devaneio, um reencontro do poeta com sua amada antes de ir para o degredo.

O estudo sobre o amor na Inconfidência, realizado no curso de História, contemplando prática pedagógica de perspectiva multidisciplinar, pretendia também instigar a investigação sobre o tema amoroso nas histórias familiares dos acadêmicos, resgatando, através da oralidade e de textos impressos (cartas, bilhetes), ou fotografias, histórias dos pares amorosos mais significativos e/ou curiosos nas famílias. Vale ressaltar que a investigação rendeu uma pequena exposição em sala de aula com objetos de valor pessoal na história de vida amorosa dos entrevistados.

⁴⁴ MENDES, Murilo. In: MEIRELES, *op. cit.*, nota de contracapa.

⁴⁵ AUTOS de Devassa da Inconfidência Mineira, *op. cit.*, p. 489.

⁴⁶ *Id. ib.*, p. 86.

Ao planejar esse estudo, pensávamos um pouco à moda do poeta que se manifesta dizendo:

*Lá na rua em que eu pensava,
 tinha uma livraria
 bem do lado da farmácia.
 Todo mundo ia à farmácia
 comprar frascos de saúde.
 E depois ia do lado,
 pra comprar a liberdade.⁴⁷*

Ou seja, é significativo o lugar que ocupam leitura e literatura na vida dos seres humanos: o poeta as desloca da condição utilitária para torná-las questão existencial. E mais, equipara a necessidade e a vontade de vida, garantida pelos frascos de saúde, à necessidade de liberdade que o texto impresso pode proporcionar àqueles que o buscam. Como garantia de vida, necessitamos de elixires para preservar a condição de seres vivos e livres que somos.

De outro modo, podemos inferir que não basta viver, é preciso viver com liberdade e que, para isso, existem meios. Se o amor é um deles, há que se pensar. A Literatura certamente o é.

Referências bibliográficas

AUTOS de Devassa da Inconfidência Mineira. 2 ed. Brasília, Câmara dos Deputados; Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1978.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor:** estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CUDDON, J. A. **Dictionary of literary terms and literary theory.** 3 ed. Great Britian/USA. Penguin Books, 1992.

⁴⁷ BANDEIRA, Pedro. A farmácia e a livraria. In: LEITE, Maristela Petrilli de A.; SOTO, Pascoal. *Palavras de encantamento:* antologia de poetas. São Paulo: Moderna, 2001. (Literatura em minha casa; v.1). p. 52.

CRUZ, Nelson. **Dirceu e Marília**. Belo Horizonte: Formato, 1999.

GONZAGA, Tomás Antonio. **Marília de Dirceu**. Porto Alegre: L&PM, 2000.

KRISTEVA, Julia. **Histórias de amor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LEITE, Maristela Petrilli de A.; SOTO, Pascoal. **Palavras de encantamento**: antologia de poetas. São Paulo: Moderna, 2001. (Literatura em minha casa. v. 1).

MAXWELL, Kenneth. **A devassa da devassa: a Inconfidência Mineira**, Brasil- Portugal, 1750-1808. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

MEIRELES, Cecília. **Romanceiro da Inconfidência**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1997.